



# ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL EM TERRITÓRIOS PRIORITÁRIOS DO RS: O CASO DAS FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR EM SANTANA DO LIVRAMENTO E SANTA MARIA

Dr<sup>a</sup> Alessandra Troian, Universidade Federal do Pampa

Dr<sup>a</sup> Raquel Breitenbach, Instituto Federal Sul Rio-Grandense

Esp. Marcia Luiza Cruz Aguirre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dr<sup>a</sup> Rita Inês Paetzhold Pauli, Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** Os territórios prioritários no Rio Grande do Sul são constituídos por agricultores familiares em situação de pobreza relativa e que demandam estratégias de reprodução social. Neste sentido, a presente pesquisa visa identificar como a comercialização em feiras têm se tornado uma estratégia de reprodução para a agricultura familiar em territórios prioritários. Metodologicamente a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, elaborada a partir da revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação não participante. Foram entrevistados 15 agricultores familiares que comercializam em sete distintas feiras, quatro em Santana do Livramento e três em Santa Maria. Os resultados mostram que em ambos os municípios a comercialização em feiras é uma importante estratégia de reprodução social pela renda, redução da pobreza, autonomia dos agricultores, conexão com consumidores e (re) valorização dos produtos. A comercialização em feiras tem fortalecido o modo de vida dos agricultores através da valorização das suas atividades, pelas relações de confiança e reciprocidade entre si e com os consumidores. Destaca-se o apoio das universidades como crucial neste processo, porém falta apoio governamental com políticas específicas para a organização e a logística de funcionamento das feiras.

**Palavras-Chaves:** Cadeias curtas. Quality turn. Comercialização. Alimentos.

## INTRODUÇÃO

Os territórios prioritários da região central do Rio Grande do Sul são caracterizados por acentuado grau de pobreza relativa. Conseqüentemente, constituem-se em espaços sociais necessitados de Assistência Técnica e Extensão Rural de instituições públicas,



universidades e políticas públicas mais gerais, capazes de reduzir a debilidade dos grupos sociais e busca de estratégias de reprodução social.

Nestes territórios, a agricultura familiar desempenha relevante papel, seja pela sua expressividade em número de unidades produtivas e agricultores, seja pela importância social e econômica, na preservação de tradições, nos conhecimentos, ao minimizar as pressões sociais urbanas, bem como pela geração de emprego e renda. Ou seja, assim como em outros territórios gaúchos, a agricultura familiar é predominante e essencial para os territórios prioritários do estado, à exemplo da região central do RS.

Apesar de sua importância, a agricultura familiar sofre pressões de distintas fontes, as quais abalam sua reprodução. Uma das pressões diz respeito aos mercados oligopolizados, coordenados e comandados por impérios alimentares (PLOEG, 2008), com poder de mercado nacional e internacional, que priorizam a larga escala produtiva. Por outro lado, os mercados consumidores vêm questionando a eficiência deste sistema agroalimentar moderno, caracterizado por alimentos produzidos em escala e vinculados a grandes indústrias ou aglomerados econômicos. Estas transformações decorrem, também, de algumas crises alimentares ao redor do mundo, as quais marcaram o início do século XXI.

Ou seja, ao mesmo tempo em que os mercados dominantes e hegemônicos vêm pressionando as propriedades familiares aumenta o perfil de consumidores com demandas que priorizam outros aspectos de qualidade que envolve a identificação da origem dos produtos (GREEN, 2003). Ao contrário do que prezam as indústrias, o consumidor está buscando resgatar laços culturais relacionados com os alimentos.

O contexto evidencia oportunidades para a agricultura familiar dos territórios prioritários, que pode usar a comercialização de alimentos em feiras como estratégia de reprodução social. Com isso, questiona-se: os agricultores familiares estão aproveitando a tendência alimentar de (re) valorização do local e do tradicional? Os agricultores familiares estão usufruindo da comercialização em feiras como uma estratégia de reprodução familiar em territórios prioritários? Considerando as discussões acerca das cadeias curtas é possível identificar um movimento de *quality turn* impulsionado pelas feiras da agricultura familiar? Ao comercializar alimentos nas feiras os agricultores estão experienciando um processo de valorização de seus produtos enquanto vinculados a um território e a um saber fazer específicos?

Para tentar responder os questionamentos delimitou-se como escopo de estudo as feiras dos agricultores familiares de territórios prioritários da região Centro-Oeste (municípios de Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Santa Maria e São Pedro do Sul) e da região Sudoeste (município de Santana do Livramento) do estado do Rio Grande do Sul. O estudo



objetiva identificar como a comercialização em feiras, têm se tornado uma estratégia de reprodução para a agricultura familiar. Como alicerce da análise, destacam-se os objetivos 1, 8 e 12 do Desenvolvimento Sustentável, definidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, a saber: a) erradicação da pobreza; b) trabalho digno e crescimento econômico e c) produção e consumo sustentáveis.

## **AGRICULTURA FAMILIAR: DEFINIÇÃO, ESTRATÉGIAS E COMERCIALIZAÇÃO EM CADEIAS CURTAS**

A agricultura familiar é determinante no desenvolvimento econômico em diferentes países, uma vez que é responsável por suprir alimentos básicos para a população (WANDERLEY, 2003). A agricultura familiar como categoria social é diversa e heterogênea, tanto econômica quanto socialmente (MATTEI, 2014). Isso resulta na adoção de distintas estratégias de reprodução, diversificando as formas de obtenção de renda e otimizando a disponibilidade de recursos ambientais e de mão de obra (ABRAMOVAY, 1992; LAMARCHE, 1993). Ao viverem no meio rural e terem a propriedade dos meios de produção, os agricultores familiares dependem, para se reproduzir, da capacidade familiar de propor alternativas e alargar habilidades de enfrentar desafios impostos cotidianamente pelo ambiente social, cultural e econômico em que estão imersos (ABRAMOVAY, 1992; SCHNEIDER, 2003).

Pozzebon, Rambo e Gazolla (2017) destacam a comercialização em feiras como estratégia de geração de renda para os agricultores familiares. As chamadas crises do sistema agroalimentar têm estimulado a venda de alimentos diretamente dos produtores para os consumidores, o que constitui em circuitos curtos agroalimentares. As cadeias curtas agroalimentares estão sendo visualizadas como estratégia na geração de recursos financeiros, entrada frequente de renda e manutenção das famílias no campo.

Quando o abastecimento alimentar é conectado com sistemas de produção localizados corrobora para o desenvolvimento do território. Isso ocorre por permitir a geração de renda para agentes que os mercados concorrenciais costumam excluir. Conseqüentemente, gera melhorias nos índices socioeconômicos e empodera grupos socialmente vulneráveis (ZUIN; ZUIN, 2008).

Pozzebon, Rambo e Gazolla (2017) atestam que, ao participarem de feiras, os agricultores familiares criam circuitos curtos agroalimentares, contribuem para a segurança alimentar dos consumidores e da própria família, a partir do autoconsumo, com disponibilidade de alimentos de qualidade, diversificados e em quantidade suficiente para a família. A agricultura familiar, ao se inserir nos circuitos curtos, como as feiras, promove sinergia entre autoconsumo e segurança alimentar (CASSOL; SCHNEIDER, 2015).



A dispersão no número e tamanho das feiras promovidas pela agricultura familiar vem crescendo. Parte disso se justifica pela valorização do rural pelo urbano, por permitirem preços mais acessíveis ao consumidor e, ao eliminar intermediários, geram mais renda ao produtor (POZZEBON; RAMBO; GAZOLLA, 2017). Além da já mencionada geração de renda, as feiras permitem que a comercialização dos produtos compartilhe não só bens materiais, mas também culturais. Com isto, ganha o status de canal agroalimentar curto de abastecimento e sustentável, considerando aspectos econômicos, ambientais e culturais (TRAVERSAC, 2010; CASSOL; SCHNEIDER, 2015).

Os canais curtos de abastecimento, alicerçados na agricultura familiar, estão em fase de edificação e estabilização. Estas redes de comercialização compartilham valores “intrínsecos” conexos à agricultura familiar, quais sejam: alimentos orgânicos, artesanais, territoriais, com indicação geográfica e sustentáveis (POZZEBON; RAMBO; GAZOLLA, 2017). São ainda resultantes de mudanças nos consumidores, que cada vez mais valorizam tais características e associam à alimentos saudáveis e de procedência segura (FERRARI, 2011).

Neste cenário, a característica qualitativa dos alimentos é o aspecto central no contemporâneo debate nacional e internacional sobre produção e processamento alimentar (SCHNEIDER; FERRARI, 2015; DUPUIS; GOODMAN, 2012). Isto exige mudança na relação dos produtores com os mercados de consumo, uma vez que se estabelece a necessidade de oferta de produtos com qualidade e identificação de procedência. Tal princípio de qualidade reconhece, valoriza e legitima modos de produção, conhecimentos e relações socialmente construídas no setor de produção de alimentos (SCHNEIDER; FERRARI, 2015; CRUZ, 2012). Diante deste contexto, os mercados de alimentos regionais oportunizam a realocação do controle econômico, a partir da valorização da identidade cultural local, dos recursos socioecológicos e de conhecimentos implícitos (PLOEG, 2011; DUPUIS; GOODMAN, 2005).

Portanto, os sistemas agroalimentares locais são alternativas que promovem alimentos do lugar e conectam quem produz e quem consome (GOODMAN; GOODMAN, 2007). Ao mesmo tempo, protege e valoriza as particularidades dos alimentos e sua forma de produção, relacionadas com especificidades territoriais. Ao valorizar o local no consumo de alimentos, também se valoriza os conhecimentos das populações rurais.

Consequentemente, o consumidor mantém a confiança de conectar o produto ao local que foi produzido e aos valores de quem produziu. O consumidor também passa a ressocializar e reespecializar os alimentos a partir dos circuitos curtos, associando ao alimento o seu conhecimento, experiências e imaginário (MARSDEN et al., 2000; RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003; MARSDEN, 2004). São os valores e significados que passam a



gerenciar as relações entre consumidor e produtor, ressignificando os padrões de qualidade até então ditados pelo hegemônico sistema agroalimentar (MARSDEN, 2004).

A positiva capacidade estratégica dos circuitos curtos em reespecializar e ressocializar os alimentos, fica evidente pela significativa participação em pequenos negócios em distintas regiões e nas vendas diretas ao consumidor. Com isso, reafirmam a importância e potencial dos espaços mercantis socialmente construídos. Os pontos de comercialização, em muitos casos, têm bases em relações familiares, de amizade e de pertencimento, reafirmando com base nas relações de confiança a reputação e a qualidade de um produto (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo possui abordagem qualitativa. As técnicas de coleta de dados utilizadas foram: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e observação não participante com agricultores familiares e agricultores familiares assentados de Santana do Livramento, Santa Maria, São Pedro do Sul e Faxinal do Soturno. As entrevistas, bem como a etapa de observação ocorreram tanto nas feiras quanto nas unidades produtivas, no decorrer do ano de 2019 e nos primeiros meses de 2020.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir do resgate da literatura especializada acerca das estratégias de reprodução social da agricultura familiar e a comercialização em cadeias curtas. Foi possível construir uma base referencial com elementos teóricos tanto para a elaboração do roteiro de entrevistas, quanto para a discussão analítica dos resultados.

Foram entrevistados 15 feirantes, dez agricultores (as) de Santana do Livramento e cinco agricultores que comercializam nas feiras do município de Santa Maria. Os agricultores entrevistados foram escolhidos de forma aleatória, tomando como base à representatividade e a disponibilidade em participar. As entrevistas ocorreram nas feiras, durante a comercialização dos produtos, algumas foram agendadas previamente, outras foram acontecendo após a visita e a apresentação da pesquisa. Ainda, houveram entrevistas realizadas nas unidades produtivas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

A observação não participante foi realizada nas feiras e nas propriedades rurais visitadas. Nas feiras atentou-se para a relação de compra e venda nas cadeias curtas, a infraestrutura, as relações estabelecidas entre os feirantes e os consumidores. Nas propriedades foi observado o sistema produtivo, a infraestrutura e a organização das famílias. A observação participante foi usada para complementar as informações obtidas no decorrer das entrevistas realizadas.





Os locais de pesquisa foram escolhidos tendo como base os Territórios Prioritários do Brasil, definidos por sua vulnerabilidade social e incidência de indicadores de empobrecimento, exclusão e vulnerabilidade social (TROIAN, 2018)<sup>1</sup>. A seleção dos municípios (Santa Maria, São Pedro do Sul, Faxinal do Soturno e Santana do Livramento), dentre o total de municípios que fazem parte dos Territórios Prioritários do Rio Grande do Sul, foi por estarem nas regiões de atuação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Santana do Livramento, as quais garantiram capital humano e logística para o desenvolvimento da pesquisa.

Parte dos dados obtidos foram analisados com sistematização das informações e do conteúdo das falas dos entrevistados a partir de uma aproximação com Bardin (2010), usando categorias e reagrupamento do texto por semelhanças. Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, os discursos apresentados no decorrer do texto estão identificados pela ordem de realização das entrevistas seguidos da feira e cidade.

## **CARACTERIZAÇÃO DAS FEIRAS DA AGRICULTURA FAMILIAR DOS MUNICÍPIOS DE SANTANA DO LIVRAMENTO/RS E SANTA MARIA/RS**

A heterogeneidade e a diversidade se constituem nas principais características da agricultura familiar. Esses atores sociais têm capacidade de adaptação e transformação diante dos diferentes ambientes e cenários econômicos, seja se inserindo em novos mercados ou desenvolvendo atividades e inovações nos sistemas produtivos. A capacidade adaptativa tem permitido a melhoria das condições de vida e o êxito relativo da agricultura familiar.

Uma importante via de inserção no mercado pela agricultura familiar é a comercialização em cadeias curtas a partir das feiras livres. O presente estudo investigou feiras de duas distintas regiões inclusas nos territórios prioritários. Na sequência são descritas as feiras estudadas nos territórios prioritários pesquisados.

Em Santana do Livramento a comercialização na Praça General Osório iniciou no final da década de 1990 com produtores de frutas e hortigranjeiros que fundaram a Associação Santanense de Produtores Hortigranjeiros (ASPH). Após, os produtores passaram a comercializar na praça e, desde 2018, comercializam num terreno público, cedido pela prefeitura municipal. Apesar da existência da ASPH, e, portanto, um formato jurídico de associação, prevalecem comportamentos individualistas nas relações entre os produtores.

---

<sup>1</sup> Os territórios prioritários abrangem cerca de ¼ da população que está em situação de pobreza no Brasil. Considera-se imperativo investigar as condições socioeconômicas dos sujeitos que estão em situação de exclusão social, do ponto de vista econômico e social.



A associação foi fundada pela necessidade de captar recurso, 1998 ela foi fundada e em 2001 se não me engano, agora mas tem mais de 10 anos que eles começaram a fazer as feiras na praça General Osório. Então esses que tinham as frutas eles se juntaram, alguns que plantavam hortaliças e começaram a fazer feiras, mas, isso bem poucos dos que eram associados e ali começou a questão do hortifrutigranjeiros. Só que por tecer esse individualismo, ah, eu sou da associação, mas aí a gente é da associação simplesmente isso, não tinha uma vantagem, não tinha esse espírito de venda. (Entrevistada 6, Feiras Praça General Osório e Hugolino Andrade, Santana do Livramento).

Já as feiras da Rua 13 de Maio e do Terminal Rodoviário da Tamandaré, também em Santana do Livramento, têm origem nos movimentos sociais e assentamentos rurais. Embora seja possível e é interesse do Movimento dos Sem Terra (MST) que os assentados comercializem na feira, predominam produtores do assentamento Cerro dos Munhoz. A feira que ocorre na Rua Tamandaré existe cerca de um ano e meio. Ela é realizada por duas famílias de assentados, uma com histórico de mais de 20 anos vendendo diretamente ao consumidor, em diferentes pontos da cidade e a outra que está há um ano e meio na atividade.

[...] eu sempre incentivei a diversificação da produção durante o tempo que eu trabalhei como extensionista e sempre incentivei as pessoas a fazerem feiras, então quando eu saí da Coptec eu decidi não trabalhar mais fora em outros empregos e tal, mas de praticar aquilo que eu sempre peguei pra ver como é que funciona de fato na prática, porque as vezes você incentiva as pessoas a fazerem alguma coisa e de repente tu não tem aquela prática do dia-a-dia. Aí eu resolvi que eu ia praticar agora, até me aposentar eu vou praticar de ser feirante. (Entrevistada 3, Feiras 13 de Maio e Tamandaré, Santana do Livramento).

Em Santa Maria, as três feiras analisadas são constituídas por agricultores da região central do estado, são elas: Feira Ana Primavesi, Polifeira e Esperança/Coesperança. Todas são formadas por agricultores familiares, mas há distinções na participação relativa destes em cada feira, bem como no tipo de produto comercializado, assistência técnica recebida, pontos de venda e clientes.

A Feira Ana Primavesi ocorre semanalmente, nas quartas-feiras, no campus da UFSM, é a primeira feira de produtos orgânicos do município. Baseada nos princípios da agroecologia, foi criada em 2014, parceria entre UFSM e Emater, visando aproximar agricultores familiares produtores de orgânicos com consumidores. Os feirantes têm certificação por Organização de Controle Social (OCS) e por avaliações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

A gente a começou a participar da feira porque, primeiro a gente começou a participar do projeto de certificação, pra certifica orgânicos, e isso tava



vinculado a universidade e um dos objetivos do projeto era pra criação da primeira feira orgânica, então foi a partir daí que a gente começou a participa da feira. (Entrevistada 15, Feira Ana Primavesi, Santa Maria).

A Polifeira, por sua vez, é constituída por agricultores familiares em transição da agricultura convencional para uma agricultura voltada à agroecologia. A feira é resultado de um projeto de extensão do Colégio Politécnico da UFSM e frequentemente a universidade realiza chamadas via edital para permitir a participação dos agricultores. A feira possui um regimento que prevê direitos e obrigações dos agricultores participantes, os feirantes assinam um Termo de Compromisso que garante as visitas técnicas da UFSM em qualquer horário ou data, no intuito de garantir a qualidade dos produtos comercializados na feira.

Atualmente a Polifeira conta com participação de 24 famílias de agricultores, um assentamento e uma cooperativa de agricultura familiar que comercializam produtos autorizados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural de Santa Maria. Os agricultores podem precificar seus produtos, mas é permitido somente a comercialização da produção do agricultor participante da feira. Ainda que seja proibido o uso de agrotóxicos<sup>2</sup>, a Polifeira não trabalha com certificação orgânica. É realizado o controle de resíduos químicos através do Laboratório de Análise de Pesticidas da UFSM.

A feira Coesperança foi idealizada pela Diocese de Santa Maria. O Projeto Esperança/Coesperança surgiu no final da década de 1980, parceria entre a Diocese, UFSM e Emater. Inicialmente o projeto visava desenvolver grupos economicamente vulneráveis com projetos comunitários. As ações propõem, compartilham, incentivam e coordenam experiências promotoras de inclusão social na região central do estado (ARAUJO, 2019; PROJETO ESPERANÇA/COESPERANÇA, 2020).

Os principais resultados do Projeto Esperança/Coesperança são o Feirão Colonial e a Feira Estadual do Cooperativismo (FEICOOP). O primeiro ocorre semanalmente com comércio de produtos de empreendimentos solidários de segmentos agroindustriais, alimentícios, artesanais e de hortigranjeiros. A FEICOOP ocorre anualmente e é o maior evento de economia solidária da América Latina (ARAUJO, 2019). Com relação as feiras semanais, que ocorrem nos sábados, uma das entrevistadas que comercializa na feira há 19 anos menciona que a participação no Projeto Esperança se deu através do convite de um amigo. “Olha, nós, foi através dum amigo aqui que fazia feira que comunico nós, daí a gente começou a vir”. (Entrevistada 13, Feira Coesperança, Santa Maria). Ainda, por ser uma ação

---

<sup>2</sup> Só é permitido o uso de agroquímicos de defesa fitossanitária.





vinculada a Diocese de Santa Maria, existe as relações com a igreja, o que também motiva, em alguma medida, a participação dos agricultores.

É porque eu vendi uns queijinhos, daí eu sou prima irmã do padre Silvio Weber e pedi o contato da irmã Lurdes, falei com ela e ela me entrevistou, entrei no grupo do Ivo da La Porta que é lá da minha região (São Pedro do Sul), ele faz feira há anos, e daí eu comecei a fazer. (Entrevistada 12, Feira Cooesperança, Santa Maria).

O vínculo da feira Cooesperança com a igreja católica se dá desde a origem do Projeto. Na época, se formaram na UFSM grupos de estudos com profissionais da área de cooperativismo e ciências sociais, técnicos da Emater e, também, com militantes da igreja católica. Portanto, a Diocese de Santa Maria fomentou a iniciativa como um empreendimento local alternativo, baseado na cooperação, autogestão, produção coletiva, venda direta, distribuição de renda, agroecologia, contemplando a agricultura familiar como central numa corrente de solidariedade (LANGE, 2009; ARAUJO, 2019).

Apesar das feiras funcionarem com um coletivo de agricultores, a decisão sobre o valor dos produtos e a compra dos insumos nem sempre é discutido entre os produtores. A decisão em relação ao que é comercializado, cotas ofertadas e preços praticados não é algo definido e decidido coletivamente nas feiras de Santana do Livramento. Foi possível perceber que existem formas de organização distintas entre os espaços de comercialização em cadeias curtas no município. Os agricultores que comercializam na feira da Rua 13 de Maio, em relação as demais feiras, tendem a dialogar mais e combinar, dentro do possível, a produção e o estabelecimento dos valores a serem cobrados.

Quando a gente fez a reunião, a gente decidiu assim “o que que tu têm?” Por exemplo, ah eu tenho queijo, eu tenho mel, eu tenho ah couve, então tu fica com esses produtos. [...], então tem arroz orgânico, tem feijão que nós produzimos que é orgânico então leva feijão, arroz e umas broinha de milho que eu gosto de fazer, eu levo isso, é pouca coisa, mas eu levo porque na verdade cada uma delas já tem assim, o que que vai trazer [...] cada uma coloca seu preço e a gente vende conforme saí. (Entrevistada 4, Feira 13 de Maio, Santana do Livramento).

Com relação as feiras da agricultura familiar realizadas no município de Santa Maria, na maior parte dos casos, os participantes realizam reuniões para o planejamento do formato organizativo das feiras. Na Polifeira, por exemplo, as reuniões são mensais. “As reuniões são mensais, nas quais são discutidos os problemas que surgiram naquele mês. São feitos cursos de capacitação para todos os feirantes e algumas viagens técnicas as quais são de grande importância par o nosso aprimoramento”. (Entrevistado 11, Polifeira, Santa Maria). Pelo

9



histórico, pela origem alicerçada na UFSM, as feiras Ana Primavesi e Polifeira tendem a serem mais organizadas do ponto de vista do planejamento e da participação em reuniões. A feira Cooesperança tem forte participação da UFSM, porém ela apresenta autonomia, já que consiste em uma experiência consolidada de Economia Solidária.

A comercialização nas feiras de Santana do Livramento, na região Sudoeste e de Santa Maria, na região Centro-Oeste do estado gaúcho, apresenta uma série de semelhanças. Apesar de situarem-se geograficamente em regiões distintas, pertencem à territórios prioritários, assim delineados a partir de critérios de pertencimento à grupos de vulnerabilidade social. Em ambas as regiões se constatou que a comercialização em cadeias curtas tem se mostrado como uma importante estratégia de reprodução social através da geração de emprego, renda, redução da pobreza e da preocupação com o ambiente.

## **A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS DE SANTANA DO LIVRAMENTO E SANTA MARIA/RS**

As perspectivas teóricas abordadas destacam que a comercialização em feiras permite, dentre outras vantagens, o aumento da renda e estabelece relações de proximidade entre produtores e consumidores. Isso também pôde ser observado nos casos estudados. Dentre os aspectos positivos identificados no decorrer da pesquisa, destaca-se a melhoria nas condições de vida, a partir da renda obtida nas feiras, a possibilidade de agregação de valor aos produtos, eliminação do atravessador e a satisfação dos feirantes a partir da relação de proximidade e confiança estabelecida com os consumidores.

Todos os agricultores entrevistados consideram a renda obtida na feira relevante para a família. A feira proporciona mais conforto e liberdade financeira, sobretudo às mulheres. Ainda, muitas vezes é a renda obtida na feira que permite que os filhos dos agricultores acessem a educação. “A renda obtida na feira nos ajuda muito. Minha esposa depende desta renda porque já faz algum tempo que ela se encontra desempregada. Sem esta renda estaríamos em situação muito difícil”. (Entrevistado 11, Polifeira, Santa Maria). O mesmo ocorre nas feiras de Santana do Livramento.

Eu criei quase todos meus filhos na feira e eu digo pra eles, claro eles sempre me ajudaram, o marido ajudou, veio junto até o ano passado, agora ele não qué muito vim. Mas eu gosto, faço questão de vim, porque é quando tu vai vende na cidade, onde é que tu vai consumi o teu alimento, é a cidade que consome, lá todo mundo tem quase as mesmas coisa, e aqui não, então eu gosto muito de um dinheiro que é diferente do dinheiro do marido, eu criei as minhas criança estudando, na faculdade [...]. (Entrevistada 5, Feira 13 de Maio, Santana do Livramento).



Para alguns entrevistados, a renda da feira garante a sobrevivência da família. “Olha, isso mais é pra sobreviver (risos)”. (Entrevistada 12, Feira Coesperança, Santa Maria). Já para outros, não é suficiente para o sustento da família, como é o caso de uma entrevistada da Feira Ana Primavesi, que por ter produção orgânica ainda em pequena escala, a renda obtida é baixa. “A renda obtida na feira por enquanto é muito pouca ainda, porque a nossa feira ainda é muito pequena, então ela não tem uma significativa contribuição para família assim, é um valor bem baixo”. (Entrevistada 15, Feira Ana Primavesi, Santa Maria).

As feiras têm um importante papel na renda familiar, porém, a localização das propriedades rurais pode ser um entrave. Em Santana do Livramento aqueles que têm acessos como estrada em condições trafegáveis e mais próximos da cidade estão produzindo e comercializando em maior quantidade e a feira retorna maior renda familiar. Já aqueles que moram distantes do perímetro urbano e/ou têm pequenas propriedades, a renda da feira não tem conseguido sustentar a família.

Nas feiras analisadas em Santa Maria e em Santana do Livramento, a comercialização em cadeias curtas é fundamental para a renda das famílias. Para a maior parte dos entrevistados a feira, além de proporcionar melhores condições de vida possibilitando renda para adquirir carro, melhorar a casa, entre outros “confortos”, ela melhora a relação com os consumidores, elimina atravessadores e permitir maior rentabilidade.

Olha, mudou bastante. Mudou muito, assim, te digo, em tudo. E tu vê que a gente, mesmo em relação a casa, carro, a gente não tinha! A vida da gente se tornou bem melhor do que era, entendeu? Por causa da feira, porque a feira, tudo que traz aqui vende por um preço bom e é direto, não tem atravessadores. Então para mim essa feira aqui...bah... uma benção [...]. (Entrevistada 7, Feira Praça General Osório, Santana do Livramento).

A eliminação do intermediário no processo de compra e venda foi elencado como um dos aspectos positivos das feiras. Segundo os entrevistados, sem os elos intermediários da cadeia é possível obter margem maior de lucro. “A gente pega mais um pouquinho. Um troco a mais”. (Entrevistado 8, Feiras Hugolino Andrade e Praça General Osório, Santana do Livramento). Ainda, “Eu acho assim, que a gente, o que é mais positivo que tudo, vamo dizer assim oh, tu põe o teu preço, não tem nenhum atravessador, é teu preço que ta aí”. (Entrevistada 13, Feira Coesperança, Santa Maria).

A supressão do intermediário, peculiar às cadeias curtas, especialmente nos períodos do mês em que os consumidores têm menos recursos financeiros, também beneficia os consumidores mais fragilizados economicamente. Estes encontram nos mercados não convencionais à possibilidade de satisfazer suas necessidades de consumo.



Não tem um intermediário, eu acho que isso é importante, esse é o importante de que a gente, por exemplo nós observamos aqui que em certas épocas no mês as famílias não tem dinheiro pra comprar e o que eles compram é o que restritamente precisa pra comer, porque tá muito difícil a situação, então imagina se nós vendesse isso aqui pro Righi<sup>3</sup>, pra outro intermediário o valor ia aumenta ou ia diminuir pro pequeno agricultor ou ia aumenta mais ainda pro consumidor, então a venda é direta a importância de valorização dos pobres, porque o intermediário. (Entrevistada 4, Feira 13 de Maio, Santana do Livramento).

As feiras são um espaço de comercialização e de geração de renda para agricultores familiares, mas as relações que se estabelecem vão além do econômico. Na maioria dos casos observados, os consumidores retornam semanalmente nos entrepostos de venda e fazem “encomendas” de produtos. Essas relações estabelecidas que permitem o atendimento de demandas, melhorias nos produtos, fortalecimento das relações de confiança e troca de experiências e conhecimentos.

[...] meus clientes geralmente são mais meus amigos do que meus clientes, a dona Ana (sogra da entrevistada) tem um público bem grande, aqui a gente tá fazendo ainda a clientela, mas sempre chega aqui, a gente trata super bem eles também sabe, o carisma deles. Então é essa a relação de pessoas mesmo, o contato com a pessoa e essa satisfação de que eles vão consumir um produto orgânico, muito bom, sem veneno. (Entrevistada 1, Feira 13 de Mario, Santana do Livramento).

Na feira Ana Primavesi, por exemplo, a troca se dá para além da compra e venda, pela explicação de como se dá e as razões da produção orgânica, debatendo acerca da importância da produção e do consumo no processo de desenvolvimento sustentável. Ou seja, para além da venda, da renda, está a troca de conhecimentos e experiências.

O mais positivo, acho que é essa coisa de tu pode ter o contato com o consumidor e explicar assim, orienta e conversa sobre a questão da produção orgânica, de o porquê que não tem determinado alimento, porque não em tomate no inverno, porque não tem melancia no inverno, porque as vez tu vai no mercado e encontra tudo, e aqui então é um comercio diferenciado, então acho que esse é o mais importante, e daí tu troca receita, troca, é outra coisa assim de tu pode vende direto. (Entrevistada 15, Feira Ana Primavesi, Santa Maria).

As relações de proximidade e o contato com os consumidores é consenso entre os entrevistados como aspecto positivo da comercialização em feiras. Em algumas situações, os

---

<sup>3</sup> Rede de supermercados presente em Santana do Livramento.



feirantes e os consumidores mantêm relações de amizade. “A gente faz muita amizade, tem muitos amigos e compram produtos da gente e goste, e volta a compra de novo, isso deixa a gente bem, bem entusiasmada pra, pra trabalha, pra produzi, para isso é muito bom pra nós”. (Entrevistada 12, Feira Cooesperança, Santa Maria). Ainda, a feira também é um espaço de empoderamento dos agricultores, pois permite que estes estejam em contato com outros feirantes e com os consumidores, sendo uma forma positiva de interação social.

A gente se sente feliz porque aqui a gente conhece novas pessoa, a gente sempre ta no meio, assim como é que eu vo dizer, um ambiente bom assim sabe, um clima bom que a gente tem aqui, então a gente já acostumo. Chega o sábado a gente ter que vir (risos). (Entrevistada 13, Feira Cooesperança, Santa Maria).

Os aspectos positivos da comercialização nas feiras, apontados pelos agricultores familiares de Santana do Livramento e Santa Maria, vêm ao encontro de outras pesquisas sobre a temática. A contribuição das feiras na geração de renda e manutenção das famílias no campo foi resultado também encontrado por Pozzebon, Rambo e Gazolla (2017).

É nos consumidores que vemos se o nosso trabalho valeu todo esforço empregado ou não. Rever o cliente da primeira feira hoje traz uma sensação indescritível é sentir o coração acelerado e ter a certeza que o trabalho valeu todo o esforço. Olhar no olho do consumidor e ver a sua satisfação é algo que não tem preço. Ouvir pedidos de novas culturas, de novos produtos sentimos que estamos no caminho certo. Ouvir críticas e conselhos nos faz sentir que somos humanos que vivemos e sociedade onde um depende do outro e somos falíveis de cometer erros. O mais importante do Mercado de Circuito Curto é entregar o nosso trabalho diretamente nas mãos do consumidor e ver a sua satisfação poder comprar um produto de qualidade produzido no Município. (Entrevistado 11, Polifeira, Santa Maria).

A contribuição das feiras na formação de uma identidade comum entre quem produz e quem frequentam a feira, assim como na presente pesquisa, foi identificado nos estudos de Cruz, (2012), Schneider e Ferrari, (2015), entre outros. Os locais de comercialização são resultantes de escolhas *botton up* estruturadas com base em: discussões entre os agricultores familiares; conexões interpessoais com objetivos comuns; relações de amizade e de pertencimento; reciprocidade e relações de confiança; fortalecimento de laços de solidariedade; e aperfeiçoamento de inovações produtivas e de comercialização dos produtos.

Também Specht et al., (2019), ao estudar a Polifeira da UFSM em Santa Maria, identificaram a importância da feira no processo de criação de valor nas relações entre consumidores e os feirantes, contribuindo na fidelização da transação. Ainda, Barros, Lopes e Wanderley (2007) identificaram que nas feiras os consumidores priorizam a qualidade e





origem dos alimentos. Como consequência, se estabelecem laços que extrapolam as relações econômicas (GODOY; ANJOS, 2007).

Corroborando com os resultados da presente pesquisa, Mello (2019) em um estudo desenvolvido em Barreiros/PE, na Zona da Mata Sul de Pernambuco, identificou que 70% dos consumidores que frequentavam a feira semanalmente eram motivados por melhor preço e proximidade e confiança nos feirantes. Estes resultados se assemelham aos resultados da presente pesquisa, os quais apontaram a maior competitividade das feiras pelo menor preço dos produtos e os laços de amizade e confiança entre consumidor e agricultor.

Com relação a renda obtida pelos agricultores familiares e a supressão da intermediação nos processos de comercialização, Chechi et al., (2016), ao analisar as feiras de Porto Alegre, identificaram que a compra direta faz com que o valor do produto, em grande medida, retorne ao produtor, sendo uma característica dos circuitos curtos de comercialização. Resultados semelhantes também foram apontados por Chuquillanque et al., (2018). Os autores estudaram a situação produtiva e socioeconômica de 14 feirantes de São Lourenço do Sul/RS e os feirantes assinalaram que eliminação do atravessador como principal vantagem de comercializar na feira.

Apesar da importância das feiras para o desenvolvimento, consumidores e produtores são os protagonistas para que as ações se concretizem na maior parte dos casos, sobretudo em Santana do Livramento. O apoio das universidades tem relevância neste processo, porém falta apoio governamental. Ocorreram avanços produtivos a partir de programas de fomento e dos mercados institucionais, porém urge a necessidade de políticas públicas específicas para organização e a logística de funcionamento das feiras. Paralelamente, o poder público poderia atuar para minimizar ou solucionar problemas estruturais de acesso à terra e a infraestrutura adequada para a comercialização em feiras. Tal envolvimento do setor público poderia contribuir na erradicação da pobreza nestes territórios.

Corroborando com essas constatações, destaca-se a pesquisa de Verano e Medina (2019) realizada em 201 municípios goianos. Os autores verificaram que as feiras nesses municípios necessitam de apoio do poder público, atendendo as demandas dos agricultores familiares e auxiliando na promoção de oportunidades inclusivas de comercialização. Assim como em Santana do Livramento, nos municípios goianos as feiras acontecem independente de incitações das políticas públicas e resultam da necessidade e comprometimento dos agentes envolvidos (VERANO; MEDINA, 2019). A precária atuação do poder público municipal, identificada em Santana do Livramento, também foi constatada em outras realidades. É o caso da feira municipal de economia solidária de Lages, Santa Catarina em que o poder



público, embora atuante, permanece negligenciando ações necessárias para divulgação e reconhecimento da feira (MELO; LOCKS, 2019).

No entanto, mesmo com carências as feiras em Santana do Livramento e em Santa Maria têm contribuído para o desenvolvimento. Os resultados da presente pesquisa demonstram que nos espaços das feiras têm se buscado alternativas, a partir de práticas e ações cotidianas, entrelaçadas com as propostas desenhadas pela ONU para o Desenvolvimento Sustentável, os denominados Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS são um apelo para refletir e ajuizar acerca de novas formas de relacionamento entre sociedade e natureza. Tais relações devem promover a expansão do bem-estar da população, colocando como central a conservação dos recursos naturais. Conseqüentemente, requer que as pessoas e organizações de todo o mundo repensem as formas de desenvolvimento (FAVARETO, 2019).

Neste sentido, com relação ao objetivo 1 dos ODS - erradicar a pobreza - os resultados da pesquisa mostram que as feiras têm papel fundamental na redução da pobreza. De forma direta contribuem pela renda gerada aos agricultores. Os entrevistados destacam que com a renda obtida nas feiras foi possível melhorar as condições de vida da família, a renda ainda foi responsável pela educação dos filhos. Já de forma indireta, as feiras auxiliam os consumidores, pois devido à ausência de intermediação, os feirantes conseguem ofertar alimentos por um preço abaixo do preço de mercado. Isso é mais evidente quando se considera o preço superior dos produtos orgânicos e agroecológicos nos sistemas de distribuição convencionais, tais como os supermercados.

Neste caso, ao proporcionarem melhor distribuição de renda e incluírem agricultores familiares em vulnerabilidade social, as feiras corroboram para diminuir a concentração dos meios de produção e os benefícios concorrenciais de mercado. Tais aspectos robustecem as disparidades existentes e estabelecem barreiras para a promoção do desenvolvimento sustentável, conforme assinala Nachtigalli et al., (2020).

O trabalho digno e crescimento econômico, objetivo 8 dos ODS, é contemplado já que as feiras são uma alternativa de comercialização, gerando emprego e renda para os agricultores familiares. Neste caso, para o grupo participante há crescimento econômico, além da distribuição de renda entre as famílias e dentro delas, pois a renda obtida com a venda nas feiras melhora a autonomia das mulheres e mantém os jovens no campo.

Ainda, existe a preocupação com a questão ambiental e com a qualidade alimentar dos consumidores que se vinculam ao objetivo 12 - produção e consumo sustentáveis. Observa-se, portanto, que as feiras são formas comerciais que incentivam a produção, o comércio e o consumo sustentável, enquanto as estratégias das grandes corporações do



agronegócio fortalecem padrões de vida e de consumo que contrapõem com os objetivos de desenvolvimento sustentável e provocam a exclusão e desigualdade social.

As feiras, sobretudo a Feira Ana Primavesi (orgânica) a Polifeira (agroecológica e parcialmente orgânica), ambas localizadas em Santa Maria e com apoio da UFSM, além de um espaço para integrar os agricultores ao mercado, se preocupa com produzir e comercializar alimentos livres de agrotóxicos. Embora alguns agricultores familiares pesquisados ainda não estejam completamente cientes da responsabilidade produtiva, vislumbra-se a preocupação, na maior parte dos casos, em produzir e vender alimentos saudáveis, a partir de relação confiança com o consumidor. Este aspecto é um dos principais fatores de estímulo dos produtores que asseveram os ganhos sinérgicos dessas relações.

Os ganhos proporcionados pelas feiras contribuem para o desenvolvimento ao irem além de ganhos econômicos, como assevera o PNUD. Permitem que ocorra o que Sen (2000) destaca como fator essencial para o desenvolvimento, a ampliação das escolhas dos indivíduos, gerando liberdades e oportunidades para as pessoas serem o que desejam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comercialização de alimentos em feiras é uma importante estratégia de reprodução para a agricultura familiar, sobretudo em territórios considerados prioritários pelos índices de pobreza e vulnerabilidade. O que legitima as feiras como estratégia de reprodução são os aspectos positivos identificados: a) reforça vínculos socioculturais e econômicos; b) promove a autonomia dos agricultores; c) gera troca de conhecimento e de saberes pois, o confronto (pessoal) entre produtores de orgânicos e de produtos agroecológicos cria sinergias na apropriação do conhecimento; d) aproxima produtores e consumidores.

As feiras, em ambos os territórios estudados, têm gerado emprego e renda para a agricultura familiar. A comercialização em cadeias curtas tem reforçado e fortalecido o modo de vida dos agricultores familiares através da valorização das suas atividades, pela relação de troca e reciprocidade com os consumidores. Os principais aspectos positivos elencados são: eliminar atravessadores, melhor preço recebido pelos produtos, as amizades construídas entre consumidores e feirantes e entre os feirantes. Em Santana do Livramento os entrevistados mostram-se menos otimistas comparativamente aos feirantes de Santa Maria. Isso se justifica pelas piores condições dos espaços onde as feiras são realizadas, pelo pouco apoio dos gestores e pelo desconhecimento ou preconceito dos consumidores.

Se observou o imperativo papel das universidades, sobretudo da UFSM na organização das feiras, oferta do espaço físico, capacitação e assistência técnica aos



agricultores. O histórico da UFSM, a confiança que a instituição representa, a disponibilidade de espaço físico e de conhecimento técnico por meio dos docentes, discentes e técnicos, além da disponibilidade dos laboratórios de análise químicas e físicas do solo, água e dos alimentos faz com que as feiras em Santa Maria sejam conhecidas, respeitadas e tenham maior público.

Pode-se inferir que as feiras realizadas nos pequenos municípios, com características rurais proeminentes têm menos relevância social e econômica. Nestes espaços tem maior presença do rural e a da produção agrícola. Também por isso, as feiras realizadas em Santa Maria, cidade com uma população mais expressiva e predominantemente urbana, a venda nos canais curtos de comercialização exerce maior impacto local em relação ao município de Santana do Livramento. Conclui-se que, apesar das diferenças quantitativas em termos de volumes totais comercializados, as variáveis qualitativas pouco se alteram nos diferentes contextos estudados. As relações de confiança, reciprocidade e valorização da produção foi verificada em ambos os casos. Isso remete a necessidade de pensar em estratégias que ampliem o conhecimento a partir da formação de redes entre as diferentes feiras. A troca de conhecimentos pode atuar em maior especialização e melhorias na organização das feiras.

Com relação aos questionamentos iniciais da pesquisa, pode-se afirmar: 1º) ao se inserir nas cadeias curtas e comercializar a produção nas feiras os agricultores aproveitam as oportunidades da tendência de mercado que (re)valoriza o local e o tradicional; 2º) nos territórios prioritários analisados alguns dos agricultores familiares estão usufruindo da comercialização em feiras como uma estratégia de reprodução familiar e estão obtendo avanços e resultados positivos; 3º) ao estabelecer laços de proximidade com os consumidores, para além de aspectos comerciais, fica evidente um movimento de *quality turn*. Ou seja, impulsionado pelas feiras da agricultura familiar, os consumidores são incentivados a revalorizar a cultura e a qualidade inserida nos alimentos, o lugar, a procedência e a identidade do produtor e dos alimentos. Os consumidores têm função central e ativa, pois legitimam e valorizam os alimentos pelo seu significado e pelo saber fazer dos agricultores.

Por fim, com relação aos ODS 1, 8 e 12, definidos pela ONU, destaca-se: 1) objetivo 1, erradicação da pobreza, constatou-se que as feiras são fundamentais para a reprodução familiar ao gerarem renda para as famílias de agricultores, elas têm gerado autonomia e empoderado os agricultores. Ainda, a feira proporciona aos consumidores produtos de qualidade, seguros e com preços acessíveis; 2) objetivo 8, trabalho digno e crescimento econômico, destaca-se a inserção da agricultura familiar marginalizada e em vulnerabilidade social aos mercados e a renda gerada nas feiras permite melhorias nas unidades produtivas, giro de capital no comércio local e contribui para o crescimento econômico; 3) objetivo 12,



produção e consumo sustentáveis, fomentado pelas feiras na medida que parte dos produtos comercializados são produzidos de forma orgânica, agroecológica ou de base ecológica; por serem mercados formados por agricultores familiares de territórios prioritários, as feiras promovem um setor em vulnerabilidade social e econômica, bem como recuperam ou incentiva hábitos de consumo que ressignificam e revalorizam a origem e qualidade dos produtos locais e tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão**. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992.

ARAUJO, T. J. N. **Ensaio sobre economia solidária à luz do desenvolvimento sustentável**: uma análise do Projeto Esperança/Cooesperança em Santa Maria (RS). Dissertação (Mestrado em Economia e Desenvolvimento), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARROS, M. A. B.; LOPES, G. M. B.; WANDERLEY, M. B. Tipologia do consumo de frutas: um estudo sobre o comportamento do consumidor de banana. **Revista Produção**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2007.

CASSOL, A.; SCHNEIDER, S. **Produção e consumo de alimentos**: novas redes e atores. Lua Nova, São Paulo, n. 95, p. 143-177, 2015.

CHECHI, L. et al. Feiras de produtos orgânicos em Porto Alegre – RS: características que evidenciam um circuito curto de comercialização. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, maio, 2016.

CHUQUILLANQUE, D. A. et al. Caracterização da produção agrícola e dos feirantes da agricultura familiar no município de São Lourenço do Sul-RS. **Revista Geografia**, Rio Claro, v. 43, n. 2, p. 319-333, maio/ago. 2018.

CRUZ, F. T. **Produtores, consumidores e valorização de produtos tradicionais**: um estudo sobre qualidade de alimentos a partir do caso do queijo serrano dos Campos de Cima da Serra – RS. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DUPUIS, M. E.; GOODMAN, D. Should We Go “Home” to Eat?: toward a reflexive politics of localism. **Journal of Rural Studies**, v. 21, n. 3, p. 359-371, 2005.

FAVARETO, A. Transição para sustentabilidade no Brasil e desenvolvimento territorial nos marcos da Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Parcerias Estratégicas**, v. 24, n. 49, p.49-72, jul./dez. 2019.





FERRARI, D. L. **Cadeias agroalimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares em Santa Catarina.** 2011. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS.** 2004. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento Rural), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. A Importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n.1, fev. 2007.

GOODMAN, D. The quality 'turn' and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 1-7, 2003.

GOODMAN, D.; DUPUIS, M. E.; GOODMAN, M. K. **Alternative Food Networks: knowledge, practice, and politics.** Abingdon: Routledge, 2012.

GOODMAN, D.; GOODMAN, M. K. Localism, livelihoods and the 'post-organic': changing perspectives on alternative food networks in the United States. In: MAYE, D; HOLLOWAY, L.; KNEAFSEY, M. (orgs.). **Alternative Food Geographies: Representation and Practice.** Elsevier, Oxford, 2007.

GREEN, R. Mercados mayoristas: ¿el inicio de una nueva era? **Distribución y Consumo**, n. 72, p. 23-37, 2003.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LANGE, C. M. **A Construção de Conhecimentos em Espaços de Economia Popular Solidária: o sentido pedagógico do projeto Esperança/Coesperança.** Ijuí/RS: Pallotti, 2009.

MARSDEN, T. et al. Food Supply Chain Approaches: Exploring their Role in Rural Development. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MARSDEN, T. Theorising food quality: some key issues in understanding its competitive production and regulation. In: HARVEY, M.; MCMEEKIN, A.; WARDE, A. **Qualities of food.** New York: Palgrave, 2004.

MATTEI, L. F. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, p. 71-79, 2014.

MELLO, M. R. F. de. Avaliação do hábito de consumo e perfil sócio-econômico-nutricional dos consumidores em feiras livres do município de Barreiros – PE. **Revista Caravana**, v. 4, n. 1. p.112-124, 2019.

MELO, J. E. B. de; LOCKS, G. A. Fortalecendo a feira de economia solidária do município de Lages/SC. **Revista Vivências**, Erechim, v. 15, n. 29, p. 209-218, jul./dez. 2019.

NACHTIGALL, Y. D. L. et al. Estratégias em promoção aos objetivos de desenvolvimento sustentável: experiências com a reprodução de tecnologias sociais no Brasil. **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, v.32, ed. esp., p. 1 - 10, 2020.



PLOEG, J. D. van der. **Camponeses e Impérios Alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

PLOEG, J. D. van der. Trajetórias do desenvolvimento rural: pesquisa comparativa internacional. **Sociologias**, Porto Alegre, v.13, n. 27, p. 114-140, 2011.

POZZEBON, L.; RAMBO, A.; GAZOLLA, M. As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional. **Desenvolvimento Em Questão**, Ijuí, v. 16, n.42, p. 405-441, 2017.

PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA. **Quem Somos**. 2020. Disponível em: <<https://www.esperancacooesperanca.org/quem-somos>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, J. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning**, v. 35, p. 393-411, 2003.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99-122, 2003. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092003000100008&lng=pt&nrm=iso&tng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000100008&lng=pt&nrm=iso&tng=pt)>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SCHNEIDER, S.; FERRARI, D. L. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar – o processo de realocação da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, MG, v. 17, n. 1, p. 56-71, 2015.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPECHT, S. et al. É dia de fazer feira na Universidade: análise do perfil do consumidor da Polifeira. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p.183-197, set./dez., 2019.

TRAVERSAC, J. B. **Circuits Courts**: contribution au développement regional. Dijon: Educagri, 2010.

TROIAN, A. **Mapa dos territórios prioritários adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010)**, 2018.

VERANO, T. C.; MEDINA, G. S. Comercialização por agricultores familiares em feiras municipais: quantificação, participação, e localização no estado de Goiás. **Interações**, Campo Grande, v. 20, n. 4, p. 1045, 2019.

WANDERLEY, M. N. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, p.42-61, Outubro, 2003.

ZUIN, L. F. S.; ZUIN, P. B. **Produção de alimentos tradicionais**: extensão rural. Aparecida: Ideias & Letras, 2008.